

NARRATIVAS LITERÁRIAS E QUESTÕES DE GÊNERO: PERCEPÇÕES DE MULHERES DO ENSINO MÉDIO DA EJA

Priscila Nunes Brazil ¹

Maria Thaís de Oliveira Batista ²

RESUMO

Este artigo investiga como mulheres estudantes do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) percebem e se identificam com representações de gênero presentes em narrativas literárias trabalhadas nas aulas. Fundamenta-se nos estudos de gênero de Scott (1995) e Louro (2014), que discutem a construção social do feminino, e em autores como hooks (2019) e Carneiro (2023), que problematizam a opressão e as desigualdades vivenciadas pelas mulheres. A pesquisa adota abordagem qualitativa, utilizando questionário como instrumento de geração de dados, aplicado a alunas de uma turma da EJA, visando compreender quais narrativas literárias já vivenciaram no espaço escolar e como interpretam personagens, tramas e discursos relacionados à condição feminina. Os resultados parciais indicam que, quando trabalhadas de forma crítica, as narrativas literárias possibilitam que as estudantes reflitam sobre suas próprias experiências, reconheçam padrões de desigualdade e vislumbrem possibilidades de ressignificação de papéis sociais. Defende-se que a inserção consciente e planejada de obras literárias que abordem questões de gênero pode contribuir para uma educação emancipatória na EJA, fortalecendo a autonomia e o protagonismo das mulheres.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Narrativas Literárias, Gênero, Mulheres.

¹ Doutoranda em Linguagem e Ensino (UFCG). Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), prinunesbra31@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPE). Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), professoramariathaisdeoliveira@gmail.com;



INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como um espaço plural, no qual se entrecruzam histórias de vida, experiências de trabalho, afetos e resistências. Entre os sujeitos que compõem esse universo, as mulheres representam uma presença expressiva, marcada por trajetórias atravessadas por desigualdades de gênero, responsabilidades familiares e lutas por autonomia. O retorno dessas mulheres à escola não se limita ao desejo de concluir a educação básica, mas reflete o movimento de reconstrução de identidades e de busca por reconhecimento. Nesse contexto, o trabalho com narrativas literárias adquire uma dimensão singular, pois permite que as estudantes leiam e releiam suas próprias experiências à luz das representações do feminino, da desigualdade e da emancipação.

As narrativas literárias, quando abordadas de forma crítica, possibilitam que as leitoras se reconheçam e se reposicionem diante dos discursos sociais que historicamente definiram o papel da mulher. A literatura torna-se, assim, um espaço simbólico de reexistência e reflexão, capaz de revelar as contradições entre o vivido e o representado, entre o ideal e o real. Scott (1995) compreende o gênero como uma categoria de análise histórica que evidencia como as diferenças entre homens e mulheres são produzidas cultural e socialmente, e não determinadas biologicamente. A partir dessa perspectiva, o estudo das narrativas literárias no contexto da EJA contribui para desnaturalizar as hierarquias e interroga as construções simbólicas que sustentam o patriarcado.

Louro (2014), ao refletir sobre a relação entre gênero e educação, destaca que a escola é um espaço de produção e reprodução de identidades. Os currículos, as leituras e as práticas pedagógicas veiculam representações que podem tanto reforçar quanto questionar os papéis de gênero. No caso da EJA, esse debate assume particular relevância, pois muitas mulheres trazem consigo histórias de interrupção escolar motivadas por maternidade, sobrecarga doméstica ou exclusão social. A literatura, quando trabalhada de modo sensível e problematizador, pode se tornar um instrumento de reconhecimento e transformação, ajudando essas mulheres a compreenderem que suas experiências individuais estão inseridas em um contexto histórico mais amplo de desigualdade e resistência.

As reflexões de hooks (2019) e Carneiro (2023) ampliam esse horizonte ao afirmarem que a luta feminista é também uma luta por justiça social e por descolonização dos corpos e das subjetividades. hooks propõe uma pedagogia feminista que parte da



escuta e da partilha, reconhecendo que o conhecimento é sempre situado e relacional. Já Carneiro chama atenção para a necessidade de considerar as interseccionalidades entre gênero, raça e classe, evidenciando que as opressões se manifestam de forma múltipla e articulada. Essas perspectivas contribuem para compreender que as mulheres da EJA vivem condições de desigualdade atravessadas por diversos marcadores sociais, o que exige uma abordagem educacional interseccional e crítica.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar as percepções de mulheres estudantes do Ensino Médio da EJA sobre as representações de gênero presentes nas narrativas literárias trabalhadas em sala de aula. Busca-se compreender como essas leitoras se identificam, questionam ou ressignificam papéis femininos e discursos sobre o ser mulher. A pesquisa insere-se na perspectiva da educação emancipatória e crítica, inspirada nos pressupostos freireanos de diálogo e conscientização, que entendem a leitura do texto como também uma leitura do mundo.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de contribuir para o fortalecimento das práticas pedagógicas que promovam a igualdade de gênero e a valorização das experiências femininas no contexto da EJA. Acredita-se que o trabalho com narrativas literárias que problematizem o feminino e deem visibilidade às múltiplas vozes de mulheres pode favorecer o protagonismo, a autonomia e a construção de identidades positivas. Assim, a escola se consolida como espaço de escuta e de transformação, onde as palavras das mulheres encontram lugar para ser ditas, ouvidas e reinventadas.

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. Na segunda seção, descreve-se a metodologia da pesquisa, destacando o contexto da investigação, o perfil das participantes e os procedimentos adotados para a produção e análise dos dados. A terceira seção apresenta e discute os resultados, divididos em três eixos analíticos que evidenciam diferentes dimensões das experiências das mulheres da EJA: a mulher e o espelho da literatura, leitura, reconhecimento e resistência, e a EJA como espaço de reexistência e emancipação feminina. Por fim, na quarta seção, são apresentadas as considerações finais, que sintetizam os principais achados e reafirmam o papel da literatura e da EJA na construção de uma educação crítica, libertadora e comprometida com a igualdade de gênero.

METODOLOGIA



A pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa, por compreender que as experiências humanas, as percepções e as narrativas não podem ser reduzidas a dados quantitativos, mas devem ser interpretadas em sua complexidade e singularidade. Conforme Minayo (2010), a pesquisa qualitativa permite captar o universo simbólico, os sentidos e os significados que os sujeitos atribuem às suas vivências, possibilitando compreender as relações entre o individual e o coletivo, entre o pessoal e o social. No contexto da EJA, essa perspectiva é especialmente fecunda, pois permite reconhecer os saberes, as histórias e as trajetórias das estudantes como elementos constitutivos do processo educativo.

O estudo foi realizado em uma escola pública estadual localizada na periferia urbana de um município da Paraíba, que oferta turmas do Ensino Médio da EJA no turno noturno. A escolha desse espaço foi motivada pela presença expressiva de mulheres adultas e trabalhadoras que conciliam a rotina laboral, o cuidado com a família e o retorno aos estudos. Esse cenário reflete a realidade de grande parte das estudantes da EJA, que encontram na escola um espaço de resistência e de reconstrução de suas trajetórias interrompidas.

A turma participante da pesquisa era composta por 19 mulheres, com idades entre 23 e 56 anos, atuantes em diferentes ocupações, como comércio, serviços domésticos, costura e atendimento ao público. A diversidade etária e profissional do grupo permitiu observar distintos modos de relação com a leitura literária e diferentes percepções sobre os papéis de gênero representados nas obras trabalhadas em sala. Essa heterogeneidade contribuiu para o enriquecimento das análises, evidenciando como as experiências sociais e afetivas interferem na forma como cada estudante interpreta e se identifica com as personagens e narrativas.

Os dados foram produzidos por meio de um questionário semiestruturado, composto por perguntas abertas e fechadas, que buscavam compreender: a) quais narrativas literárias as estudantes recordavam ter lido ou trabalhado nas aulas; b) de que forma percebiam as representações femininas nas obras; e c) como essas narrativas dialogavam com suas próprias experiências de vida. O instrumento foi aplicado presencialmente, em ambiente escolar, e respondido individualmente, com tempo livre para reflexão e escrita. As respostas foram analisadas considerando os sentidos e valores expressos nas falas, em articulação com as categorias teóricas de gênero, representação e identidade.



A análise dos dados fundamentou-se nas contribuições de Bakhtin (2003), que concebe a linguagem como prática social e dialógica, e nas perspectivas feministas críticas de hooks (2019) e Louro (2014), que entendem a educação como espaço de produção de subjetividades e de transformação política. A leitura das respostas priorizou a compreensão das vozes das estudantes como enunciados socialmente situados, atravessados por memórias, afetos e ideologias. A partir dessa abordagem, as narrativas produzidas pelas mulheres foram interpretadas não apenas como opiniões individuais, mas como discursos coletivos sobre o lugar da mulher na literatura e na sociedade.

Durante todas as etapas da pesquisa, foram observados os princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. As participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo, o caráter voluntário da participação e o sigilo das informações. Para preservar a identidade das colaboradoras, foram utilizados pseudônimos na apresentação dos resultados.

A postura da pesquisadora foi orientada pela escuta sensível e pelo diálogo horizontal, reconhecendo o lugar das mulheres da EJA como produtoras de saberes. Inspirada nos princípios da educação popular e da pedagogia feminista, a pesquisa não buscou apenas coletar dados, mas construir, junto às participantes, um espaço de reflexão e empoderamento. Assim, a metodologia adotada reafirma o compromisso ético e político com uma educação emancipatória e inclusiva, capaz de dar visibilidade às vozes femininas e de promover o questionamento das desigualdades de gênero presentes nas práticas escolares e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas das estudantes do Ensino Médio da EJA permitiu compreender como as narrativas literárias lidas e discutidas em sala de aula dialogam com suas vivências e percepções sobre o ser mulher. As falas revelaram tanto o reconhecimento das desigualdades de gênero quanto a identificação com personagens femininas que enfrentam opressões, desafios e processos de transformação. As experiências relatadas evidenciam que a leitura literária, quando conduzida de forma crítica, pode se tornar um espaço de autoconhecimento e empoderamento, possibilitando que as mulheres reconstruam suas próprias narrativas de vida.



Inspirada em Scott (1995), compreende-se o gênero como uma categoria analítica que organiza relações de poder e define as posições sociais atribuídas a homens e mulheres. Assim, as percepções das estudantes foram interpretadas não apenas como respostas individuais, mas como discursos que expressam as marcas do patriarcado e as resistências cotidianas que emergem na EJA. Com base nas contribuições de Louro (2014) e hooks (2019), a leitura das narrativas literárias é entendida aqui como prática de liberdade e como possibilidade de reconfiguração das identidades femininas no espaço escolar.

A mulher e o espelho da literatura

As percepções das estudantes da EJA revelaram que a literatura funciona como um espelho simbólico no qual elas se veem, se reconhecem e, ao mesmo tempo, se estranham. As personagens femininas presentes nas narrativas lidas em sala de aula foram descritas pelas participantes como figuras que “sofrem como a gente”, “lutam para vencer” e “não se calam”. Essa identificação afetiva e política confirma o poder da literatura de operar como espaço de projeção e reflexão da condição humana, especialmente quando as vozes femininas são colocadas no centro da narrativa. Segundo Nelly Novaes Coelho (2000), a literatura escrita por mulheres ou que tematiza o universo feminino contribui para a revelação de uma subjetividade historicamente silenciada e para o questionamento das representações hegemônicas do feminino construídas pela cultura patriarcal.

As estudantes relataram que, ao lerem obras de autoras como Conceição Evaristo, Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, sentiram-se “vistas” e “compreendidas”. Essa sensação de reconhecimento rompe com a experiência de invisibilidade que frequentemente marca o cotidiano das mulheres, especialmente das mulheres trabalhadoras e periféricas. Para Evaristo (2017), a escrita das mulheres negras carrega “a marca da experiência vivida”, sendo atravessada por um gesto de insubmissão que transforma a dor em palavra e a marginalidade em enunciação política. Quando essas narrativas adentram o espaço da EJA, tornam-se instrumentos de reconhecimento e empoderamento, pois permitem que as estudantes associem as trajetórias das personagens às suas próprias lutas e conquistas.

A literatura, nesse contexto, atua como espelho e também como lugar de confronto. Ao refletir sobre personagens que desafiam as normas sociais, as mulheres-



leitoras questionam as representações idealizadas de feminilidade que ainda persistem na cultura e na escola. Louro (2014) destaca que as narrativas de gênero na educação precisam problematizar os discursos que naturalizam as desigualdades, oferecendo às leitoras ferramentas simbólicas para pensar sobre si e sobre o mundo. A leitura literária, portanto, não apenas reflete as condições das mulheres, mas produz deslocamentos de olhar, possibilitando a passagem do espelho passivo ao espelho crítico, aquele que não apenas reflete, mas devolve à leitora uma imagem transformada de si.

Tania Navarro Swain (2016) reforça essa dimensão ao afirmar que a literatura tem o poder de “desnudar a norma”, expondo as tensões entre o corpo feminino e as regras impostas pela moral e pela linguagem. Ao se reconhecerem em personagens que resistem, amam, trabalham, sofrem e reagem, as estudantes reinterpretam o que significa ser mulher e reescrevem suas próprias narrativas de identidade. Para muitas, ler histórias protagonizadas por mulheres foi também um ato de cura e de descoberta. Uma das participantes afirmou que “a gente entende que não está sozinha, que outras também passaram por isso e conseguiram mudar”. Essa leitura solidária ecoa a noção de “escrevivência” proposta por Evaristo, na qual a experiência da mulher se transforma em escrita e a escrita, por sua vez, em experiência compartilhada.

A análise das falas evidencia ainda o papel da literatura como mediadora de memórias. Conforme Adélia Bezerra de Meneses (2003), a leitura do texto literário convoca o leitor a um diálogo interno com sua própria história, permitindo que memórias pessoais se entrelacem com as vozes das personagens. Na EJA, essa dimensão é intensificada, pois as mulheres trazem consigo trajetórias de vida marcadas por múltiplas camadas de opressão - de gênero, de classe e de raça. Ao lerem narrativas que tratam de trabalho doméstico, pobreza, amor e liberdade, as estudantes ativam lembranças e afetos que as fazem revisitar o passado com novos sentidos. A literatura, assim, atua como espelho da memória e instrumento de reinterpretação do vivido.

Além da identificação e da memória, a literatura também oferece a possibilidade da imaginação e da utopia. Heloisa Buarque de Hollanda (2019) ressalta que as narrativas literárias escritas por mulheres projetam futuros possíveis e rompem com os limites do real, pois afirmam a potência criadora do feminino. Ao entrarem em contato com essas histórias, as mulheres da EJA não apenas reconhecem as marcas de opressão, mas também vislumbram caminhos de transformação. O espelho da literatura, nesse sentido, reflete não apenas o que é, mas o que pode ser. Ele devolve à leitora a imagem de uma mulher possível, múltipla e autônoma.



Por fim, cabe destacar que o espelho literário também é um espaço de diálogo entre gerações. As estudantes relataram que compartilham com filhas, netas e colegas as histórias que leem, transformando a leitura em prática comunitária. Essa circulação da palavra literária amplia o alcance da experiência estética e reafirma o papel da escola como mediadora cultural. Como afirma Lúcia Castello Branco (2011), a leitura é sempre uma forma de “escutar o outro dentro de si”, um gesto de alteridade que permite à mulher se ver como sujeito e não apenas como personagem da vida alheia.

Em síntese, o espelho da literatura, para as mulheres da EJA, é um lugar de reencontro e de reinvenção. Nele, as leitoras reconhecem suas dores e descobrem sua força. Ao verem refletidas nas páginas as vozes que a sociedade tentou silenciar, encontram o reflexo de uma nova possibilidade de existência. A literatura, nesse processo, deixa de ser apenas objeto de estudo e se torna prática de libertação, um espelho que ilumina o caminho da consciência e da reexistência feminina.

Leitura, reconhecimento e resistência

As análises das respostas das estudantes revelaram que o contato com narrativas literárias protagonizadas por mulheres despertou processos profundos de reconhecimento e de resistência. Muitas relataram que as leituras as fizeram “pensar diferente sobre si mesmas”, “se enxergar com mais valor” e “perceber que o que viveram também é importante”. Essas falas apontam para a dimensão subjetiva e política da leitura: ao se reconhecerem nas personagens, as leitoras passam a reavaliar as experiências de desigualdade e a construir novas formas de interpretar o próprio lugar no mundo.

A literatura, nesse sentido, cumpre o papel de dar nome àquilo que antes era apenas sensação ou silêncio. Para bell hooks (2019), o ato de ler e escrever é uma forma de resistência à desumanização, especialmente para as mulheres negras e marginalizadas. Ela afirma que a leitura crítica é um exercício de libertação, porque transforma a palavra em espaço de consciência e ação. Na EJA, esse processo é intensificado pelo encontro entre a palavra literária e as histórias de vida das estudantes, que se veem chamadas a pensar suas dores e suas forças a partir de um horizonte coletivo de experiência.

A leitura crítica das obras trabalhadas em sala evidenciou também que as estudantes compreendem a literatura não como evasão, mas como confronto. Obras que trazem mulheres enfrentando desigualdade, violência ou silenciamento provocaram discussões densas sobre machismo e empoderamento. Algumas participantes afirmaram



que “foi lendo que perceberam o quanto a mulher é forte” ou que “aprendem a não aceitar tudo caladas”. Essas percepções dialogam com o que Louro (2014) descreve como o poder transformador da educação: um processo que convida os sujeitos a questionar as normas sociais e a reconstruir suas identidades.

A resistência expressa nas leituras das mulheres da EJA assume múltiplas formas. Para algumas, resistir significou reconhecer-se como capaz de aprender e opinar; para outras, foi entender que suas histórias, antes invisibilizadas, possuem valor. Essa descoberta ecoa o conceito de “lugar de fala” proposto por Djamila Ribeiro (2017), segundo o qual a emancipação das mulheres ocorre quando suas vozes são legitimadas como produtoras de conhecimento. Ao tomarem a palavra em sala de aula e relacionarem as obras lidas às suas próprias experiências, as estudantes da EJA exercem o direito de narrar-se, transformando o espaço escolar em território de resistência simbólica e afetiva.

As obras literárias mencionadas pelas participantes - entre elas *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus e *Sejamos Todas Feministas*, de Chimamanda Adichie - emergem como textos que instauram o diálogo entre o pessoal e o político. Evaristo (2017) lembra que a literatura pode ser um espelho e também uma arma, capaz de denunciar o racismo, o machismo e a pobreza estrutural. Já Adichie (2015) defende que o feminismo precisa estar presente em todas as esferas da vida cotidiana, inclusive na escola, pois a desigualdade de gênero é aprendida socialmente e, portanto, pode ser desaprendida. Nas leituras realizadas em sala, as estudantes identificaram a força dessas mulheres-autoras e reconheceram nelas modelos de superação e coragem, que ressoam em suas próprias trajetórias.

O reconhecimento promovido pela literatura também envolve o corpo e o afeto. Judith Butler (2003) argumenta que o corpo é o primeiro território de resistência, pois nele se inscrevem as normas e, ao mesmo tempo, a possibilidade de sua subversão. Nas falas das estudantes, o corpo aparece como marca da luta: o corpo que trabalha, que cuida, que envelhece, mas também o corpo que deseja, sonha e fala. Ao lerem personagens femininas que rompem com a passividade, as estudantes passam a enxergar seus próprios corpos como espaços de autonomia e expressão. Esse processo de reconhecimento é, portanto, também um processo de reapropriação de si.

A leitura se transforma, assim, em gesto político de resistência. A cada leitura e debate, as mulheres da EJA constroem uma rede de solidariedade e escuta que se contrapõe às formas de opressão vividas fora da escola. Conforme Sueli Carneiro (2023), resistir é também criar - criar narrativas, laços, sentidos e esperanças. No ambiente da



EJA, onde a educação se mistura à vida, a leitura literária deixa de ser uma prática distante para se tornar uma linguagem de sobrevivência. Ao se reconhecerem nas histórias, as mulheres reconstroem a própria subjetividade e passam a ocupar, simbolicamente, o lugar de autoras de suas trajetórias.

Maria Rita Kehl (2018) destaca que o ato de narrar e ouvir histórias tem função terapêutica e política, pois reinsere o sujeito na experiência do tempo e da palavra. As discussões literárias observadas no contexto da pesquisa confirmam essa dimensão: ao falarem sobre as personagens, as estudantes também narravam suas próprias histórias, costurando passado e presente, dor e esperança. Esse movimento reafirma a EJA como espaço de reconstrução identitária e de fortalecimento coletivo.

Em síntese, a leitura literária, quando mediada criticamente, torna-se uma prática de reconhecimento e de resistência. Para as mulheres da EJA, ler é um ato de libertação que rompe com o silêncio imposto pela história e abre caminho para novas formas de existir. A palavra literária, viva na voz das estudantes, não é apenas um espelho da realidade, mas uma ferramenta de transformação, uma escrita que se reescreve no corpo e na consciência de quem lê.

A EJA como espaço de reexistência e emancipação feminina

As falas das estudantes evidenciaram que a EJA não é apenas um espaço de aprendizagem formal, mas um território de reconstrução da vida. Para muitas mulheres, o retorno à escola representou um gesto de coragem e de afirmação, um reencontro com o direito de existir com voz e presença. Arroyo (2017) define esses sujeitos como vidas reexistentes, porque resistem à exclusão e reconstroem, no cotidiano, sentidos de humanidade negados pela sociedade. Essa reexistência se expressa tanto nas narrativas literárias com as quais as estudantes dialogam quanto nas histórias que elas mesmas contam e escrevem sobre si.

Ao compartilharem leituras e experiências, as mulheres da EJA afirmam que a escola é um lugar onde voltam a acreditar em si. Esse testemunho ecoa a pedagogia freireana, que entende a educação como prática de liberdade e o diálogo como condição essencial da existência humana (Freire, 1987). O processo educativo, quando mediado pela palavra e pela escuta, transforma-se em espaço de empoderamento coletivo. Na EJA, o ato de ler e discutir textos literários não se limita à interpretação de enredos, mas se amplia para a leitura do mundo e de si mesmas. A sala de aula torna-se um território



simbólico onde as mulheres podem revisitar feridas, recontar trajetórias e reinscrever-se na história com dignidade e esperança.

bell hooks (2019) reforça que a educação libertadora se realiza quando o espaço escolar rompe com as hierarquias do saber e se torna um lugar de diálogo entre vozes diversas. Na EJA, esse diálogo é também intergeracional: mulheres de diferentes idades, profissões e contextos se escutam e se reconhecem umas nas outras. Essa escuta compartilhada produz uma rede afetiva que ressignifica a experiência de aprender. Ao perceberem que suas histórias têm valor, as estudantes reconstroem o sentimento de pertencimento, e a escola deixa de ser um espaço de correção de trajetórias para se tornar um lugar de criação de futuros.

Essa dimensão emancipatória da EJA está intimamente ligada à valorização da experiência e da memória das mulheres. Nilma Lino Gomes (2017) defende que a escola deve acolher a pluralidade das histórias e reconhecer os saberes das populações marginalizadas como fonte legítima de conhecimento. As mulheres da EJA, ao narrar suas vivências, produzem saberes que desafiam a lógica tradicional da pedagogia bancária e instauram uma epistemologia da experiência. O conhecimento não está apenas nos livros, mas nas vozes, nas memórias e nas resistências de quem aprendeu a sobreviver e ensinar com o corpo.

Conceição Evaristo (2017) denomina esse gesto de escrevivência, uma escrita que nasce do corpo e da experiência, onde o viver e o narrar se confundem. Essa noção se aplica também às leituras das estudantes da EJA: ao se apropriarem das palavras das autoras que estudam, elas as reescrevem à sua maneira, inserindo nelas fragmentos de suas próprias vidas. Cada leitura torna-se, assim, uma nova forma de existência, uma escrita simbólica que inscreve as mulheres no texto da cultura e da história. A literatura, nesse sentido, não apenas emancipa intelectualmente, mas repara feridas e devolve às mulheres o direito de se reconhecerem como sujeitos do saber.

A EJA, portanto, funciona como um espaço de cura social, expressão que Maria Rita Kehl (2018) utiliza para se referir aos lugares onde a escuta, o afeto e a linguagem restauram a capacidade de sonhar. Nas narrativas das estudantes, aprender a ler novamente, compreender um poema ou escrever um pequeno texto é vivenciado como uma forma de renascimento. Essa dimensão simbólica é o que diferencia a EJA de outros espaços educativos: ali, o saber é um ato de afirmação da vida. A cada leitura e conversa, as mulheres reelaboram o passado, reconhecem o valor de suas trajetórias e constroem novos sentidos de futuro.



Sueli Carneiro (2023) lembra que a emancipação das mulheres não se realiza apenas pela denúncia das opressões, mas pela invenção de novas possibilidades de existência. É esse movimento que se manifesta nas práticas pedagógicas observadas na EJA. As aulas de Linguagens, ao integrarem leitura, escrita, diálogo e emoção, tornam-se experiências estéticas e políticas que ajudam as mulheres a se verem como produtoras de cultura. Ao final do percurso, muitas relataram sentir-se mais fortes, mais confiantes e mais conscientes. A educação, assim, cumpre sua vocação maior: a de libertar, não apenas ensinar.

Em síntese, a EJA configura-se como um espaço de reexistência porque acolhe a complexidade da vida das mulheres e transforma suas experiências em matéria de aprendizagem. A literatura, ao atravessar esse espaço, age como mediadora simbólica entre o vivido e o sonhado, entre o real e o possível. Ao lerem, escreverem e dialogarem, as mulheres da EJA afirmam sua humanidade e constroem uma nova gramática de liberdade, tecida pela palavra, pela escuta e pela coragem de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas ao longo deste estudo permitem compreender que as narrativas literárias, quando trabalhadas de forma crítica e dialógica, têm o potencial de se tornar instrumentos de libertação e reconhecimento para as mulheres da Educação de Jovens e Adultos. As leituras e reflexões compartilhadas pelas estudantes evidenciam que a literatura ultrapassa a dimensão estética e assume uma função ética e política, permitindo que a palavra se converta em espaço de afirmação e de reconstrução de subjetividades historicamente silenciadas.

As mulheres participantes da pesquisa demonstraram que a experiência da leitura literária na EJA não se restringe ao aprendizado de conteúdos, mas se configura como um processo de autoconhecimento e de transformação. Ao se reconhecerem nas personagens, nas tramas e nas vozes das autoras estudadas, as estudantes construíram novas maneiras de olhar para si mesmas, reinterpretando papéis sociais e reavaliando as marcas do patriarcado e das desigualdades de gênero. A literatura, nesse contexto, funcionou como um espelho que reflete e desestabiliza, ao mesmo tempo em que propicia a reescrita simbólica da própria vida.

Essa reescrita se concretiza no encontro entre leitura e resistência. Como destacam hooks (2019) e Evaristo (2017), o ato de narrar e ler é um gesto político, uma recusa à



marginalização e ao silêncio. As práticas de leitura na EJA mostraram-se férteis para o exercício da escuta e da fala, permitindo que as mulheres transformassem experiências de dor em narrativas de potência. A literatura se tornou, assim, um espaço de cura coletiva e de elaboração simbólica, onde o conhecimento não se impõe de fora, mas emerge do diálogo entre as palavras das autoras e as vivências das leitoras.

Ao mesmo tempo, os resultados reforçam que a EJA é um território privilegiado para práticas educativas comprometidas com a justiça social e a emancipação. Arroyo (2017) e Freire (1987) defendem que a educação popular nasce do encontro entre as vozes dos sujeitos e o compromisso ético-político de reconhecer suas trajetórias como legítimas formas de saber. Essa perspectiva foi confirmada nas falas das estudantes, que percebem a escola como um espaço de recomeço, de esperança e de pertencimento. A leitura literária, ao ser integrada ao cotidiano da EJA, amplia o sentido de formação, promovendo a dignificação da palavra e a valorização da experiência como fonte de conhecimento.

Os resultados também evidenciam que as mulheres da EJA constroem, na leitura, uma pedagogia da reexistência, tecida pela solidariedade e pela partilha. As interações em sala de aula revelam o poder da coletividade como força pedagógica, na qual o reconhecimento mútuo gera autoestima, consciência crítica e empoderamento. Essa dimensão coletiva da aprendizagem é o que transforma o ato de ler em um ato de libertação - libertação das culpas, dos estigmas, das ausências e das narrativas únicas que historicamente reduziram a mulher à condição de objeto.

Em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais, reafirmar o papel emancipador da literatura nas aulas de Linguagens da EJA é também um gesto político. É reconhecer que a formação de leitores críticos e sensíveis contribui para a construção de um projeto educativo mais humano, plural e equitativo. A literatura, ao atravessar a escola, amplia o repertório simbólico das estudantes e restitui às mulheres o direito à imaginação, ao sonho e à autoria sobre a própria história.

Conclui-se, portanto, que as narrativas literárias, mediadas por uma prática pedagógica comprometida com a igualdade de gênero e a valorização das experiências femininas, contribuem para o fortalecimento da consciência de si e do outro. Na EJA, onde as trajetórias de vida se cruzam com a urgência de aprender e resistir, a leitura torna-se uma forma de reexistir. Assim, cada mulher que lê, fala e se reconhece nas palavras das autoras amplia o espaço da educação libertadora e reafirma a potência transformadora da palavra como ato de vida e de emancipação.



Considera-se, por fim, que os resultados deste estudo abrem caminhos para novas investigações sobre a presença das narrativas literárias e das discussões de gênero na EJA. Pesquisas futuras podem explorar a produção de textos autorais pelas próprias estudantes, a análise de obras literárias de diferentes tradições culturais ou as contribuições de outras linguagens artísticas, como o cinema e a música, na problematização das identidades femininas. Também se mostram promissoras abordagens que examinem a formação docente e as práticas pedagógicas voltadas à leitura crítica sob uma perspectiva interseccional, considerando gênero, raça e classe. Ampliar esses horizontes significa fortalecer a construção de uma educação que reconheça a potência das mulheres da EJA como produtoras de saber, memória e transformação social.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Vidas reexistentes: reafirmando sua outra humanidade na história**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Pólen, 2023.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e mulher: uma outra leitura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DJAMILA, Ribeiro. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 6. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Literatura e psicanálise.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

SCOTT, Joan W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

SWAIN, Tania Navarro. **O que é lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2016.

